

O *ethos* no cenário político: uma análise do pronunciamento de defesa de Dilma Rousseff durante o processo de *impeachment*¹

The ethos in the political scenario: an analysis of Dilma Rousseff's defense speech during the impeachment process

Jéssica Gomes de Oliveira²

Resumo: A pesquisa apresenta uma análise discursiva do pronunciamento realizado pela presidenta Dilma Rousseff, durante o julgamento do processo de *impeachment* no Senado Federal, em 29 de agosto de 2016. Mais especificamente, nos debruçaremos sobre o pronunciamento de abertura da presidenta, que falou por aproximadamente quarenta minutos antes de responder às perguntas dos senadores. Por meio da análise, o trabalho tem como objetivo verificar quais são os *ethé*, valores e estratégias retóricas mobilizados na ocasião, avançando nos estudos sobre o processo de constituição da identidade discursiva do sujeito político. O embasamento teórico-metodológico do trabalho se funda na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial, na Teoria Semiollingüística. Serão utilizados, para o debate proposto, estudos de Amossy (2005) e Maingueneau (2005, 2011) sobre o *ethos*, além das reflexões promovidas por Charaudeau (2006) a respeito dos diferentes *ethé* projetados no campo político. Através da análise do pronunciamento de Dilma Rousseff, observamos a recorrência de imagens de resistência, coragem, luta e honestidade, além do *ethos* de vítima. Há, ainda, a atribuição de *ethé* negativos aos adversários políticos, por meio de índices do discurso polêmico e do emprego de nomeações e adjetivações axiológicas negativas.

Palavras-chave: *Ethos*, Análise do Discurso; discurso político.

Abstract: The research proposes a discursive analysis of the speech made by President Dilma Rousseff, during the trial of the impeachment process in the Federal Senate, on August 29, 2016. More specifically, we will focus on the opening statement of the President, who spoke for approximately forty minutes before answering senators' questions. Through the analysis, the work aims to verify which are the *ethé*, values and rhetorical strategies mobilized at the time, advancing in the studies on the process of constituting the discursive identity of the political subject. The theoretical-methodological basis of the research is based on the French Discourse Analysis, especially on the Semiollingüistic Theory. Studies by Amossy (2005) and Maingueneau (2005, 2011) about the *ethos* will be used for the proposed debate, in addition to the reflections promoted by Charaudeau (2006) regarding the different *ethé* projected in the political field. Through the analysis of Dilma Rousseff's statement, we observed the recurrence of images of resistance, courage, struggle and honesty, in addition to a victim *ethos*. There is also the attribution of negative *ethé* to political opponents, through indices of polemical discourse and the use of negative axiological nominations and adjectives.

Keywords: *Ethos*, Discourse Analysis; political discourse.

¹ Este texto é um recorte da pesquisa realizada por mim, no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG.

² Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4186096587571511>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6680-2036>. E-mail: jessicagomes.mtz@gmail.com.

Introdução

Sabemos que o fenômeno político se estabeleceu como objeto de interesse em diferentes campos de saber, entre eles a Sociologia, a Psicologia Social, a Filosofia, a Comunicação Política, as Ciências Políticas e as Ciências da Linguagem. A AD, contudo, não se concentrou na racionalidade política e nem nos mecanismos ligados ao comportamento do eleitorado. Ao contrário de outras vertentes, a AD se dedica ao estudo das estratégias dos discursos que sustentam a ação política, buscando compreender os atos de linguagem que circulam no mundo social (CHARAUDEAU, 2006).

Tomando como base tal escopo teórico, propomos, em nosso estudo, uma análise discursiva do pronunciamento realizado pela presidenta³ Dilma Rousseff, durante o julgamento do processo de *impeachment*. Em especial, nos debruçaremos sobre a arguição de defesa da presidenta no Senado Federal, no dia 26 de agosto de 2016. Na ocasião, a ex-mandatária falou por aproximadamente quarenta minutos antes de responder às perguntas dos senadores. Por meio da análise, o trabalho tem como proposta o estudo dos processos de constituição da identidade discursiva do sujeito político, identificando quais são os *ethé*, valores e imaginários projetados no e pelo pronunciamento da então presidenta. Para não nos delongarmos por demais em nossas análises⁴, apresentaremos recortes do discurso ilustrando as principais estratégias nele mobilizadas.

Como mencionado, o aporte teórico-metodológico predominante será a Análise do Discurso (AD), recorrendo, sobretudo, a Patrick Charaudeau (2006), pesquisador da atual escola francesa dentro deste campo e precursor da Teoria Semiolinguística. Em especial, utilizaremos as considerações feitas por este estudioso sobre o *ethos* e os diversos *ethé* possíveis de serem projetados na alçada política. Outras reflexões sobre o *ethos* propostas por Amossy (2005) e Maingueneau (2005,

³ Na pesquisa, optamos por utilizar o termo “presidenta” em detrimento de “presidente”. Tal escolha se justifica uma vez que a própria Dilma Rousseff reivindica o uso do termo, como estratégia de marcação do gênero feminino.

⁴ Devido à sua extensão, não apresentaremos o pronunciamento completo. Entretanto, ele poderá ser acessado integralmente aqui: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/29/veja-a-integra-do-discurso-de-defesa-de-dilma-no-senado>

2011) serão adotadas. Serão abordadas, ainda, reflexões de Courtine (2006) e Piovezani (2009) sobre o discurso político como objeto de análise da AD.

O processo que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff teve início em 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceitou denúncia contra a líder do executivo por crime de responsabilidade. Uma Comissão Especial foi formada, com o objetivo de decidir sobre a admissibilidade do processo. Acusação e defesa foram acionadas até que, em abril de 2016, a maioria dos deputados aprovou a continuidade do processo, que foi encaminhado para o Senado Federal. Em maio do mesmo ano, Dilma Rousseff foi afastada do cargo até que o processo fosse concluído e o vice-presidente Michel Temer assumiu interinamente a presidência. Em agosto de 2016 o *impeachment* foi julgado pelo Senado, culminando no afastamento definitivo da mandatária.

Conforme pontua Charaudeau (2006), palavras isoladas apontam para o que dizem, mas não para o que está implícito nelas, aquilo que verdadeiramente significam. Descobrir o que está implícito nas entrelinhas das palavras demanda uma investigação sobre as condições sócio-históricas em que foram enunciadas, além de descobertas sobre os valores que evocam. Compreende-se, portanto, que a análise proposta também possibilitará um avanço nos estudos sobre a discursividade expressa em eventos marcantes do cenário político brasileiro, tornando a investigação necessária também sob o ponto de vista histórico.

Os diferentes *ethé* projetados pelos atores políticos: uma análise do pronunciamento de Dilma Rousseff

Antes de iniciarmos nosso percurso pelos diferentes *ethé* projetados por meio do pronunciamento de Dilma Rousseff, consideramos pertinente contextualizar o surgimento da noção, pautada nas provas de persuasão de Aristóteles e designada pelos antigos como a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso da oratória. É sabido que a noção de *ethos* pertence à tradição retórica, já a concepção do termo, ao ser introduzida à AD, ganhou certa reelaboração. Como nos explicam Ruth Amossy (2005) e Dominique Maingueneau (2005), a AD, que costuma frequentar os mesmos *corpora* e se deparar com as mesmas problemáticas dos especialistas da argumentação, trabalha com interesses distintos. A própria Amossy

(1997) introduz, na análise do *ethos*, a noção de estereótipo, propondo reflexões sobre a construção de imagens de si e sua relação com a representação coletiva cristalizada e com a atividade de estereotipagem.

Já Maingueneau (2005) atua com a concepção de *ethos* em direções que vão além do campo da argumentação. O autor retoma as categorias de cena e de cenografia já trabalhadas em pesquisas anteriores para fazer um levantamento de como o *ethos* aparece não somente em discursos argumentativos, mas em qualquer troca verbal.

Ainda sobre a concepção de *ethos*, conforme elucida Amossy (2005), no processo de composição da própria imagem não é necessário que o enunciador fale explicitamente de si mesmo, detalhando suas qualidades. “Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa” (AMOSSY, 2005, p. 9). Dessa forma, deliberadamente ou não, durante seu discurso, o locutor realizará uma apresentação de si mesmo, contribuindo para as imagens que o público irá construir sobre ele. A autora nos lembra, ainda, que os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de imagens de si com o objetivo de garantir o sucesso da oratória. Nesse sentido, as imagens construídas no e pelo discurso participarão da influência que o locutor exercerá sobre o público e vice-versa.

Em suas contribuições sobre o *ethos*, Charaudeau (2006) também nos lembra que um ato de linguagem não pode existir sem que haja a construção de uma imagem daquele que fala. Para o autor, sendo intencional ou não, a partir do momento que falamos emerge uma imagem daquilo que somos. E é na tentativa de construir um *ethos* positivo que o ator político empregará uma série de estratégias argumentativas, sendo tomado por uma dramaturgia que o faça construir para si um personagem.

O *ethos* político pode ser comprado a uma alquimia complexa que reúne traços pessoais de caráter, comportamentos e declarações verbais. Por isso, a construção do *ethos* será voltada para si mesmo, para o público e para os valores e crenças compartilhados. Nas palavras do linguista (2006, p.85), “o político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem, certa figura que vale como imagem de si, e que faz com que a construção do *ethos* tenha características próprias”.

Nesse sentido, a construção do *ethos* no campo político deverá ser voltada para os anseios do cidadão, funcionando como um suporte de identificação de valores e desejos em comum. É o que podemos observar já nos momentos iniciais do pronunciamento de Dilma Rousseff, quando a ex-mandatária mobiliza um *ethos de humildade* perante o povo, conferido aos políticos que assumem e acolhem seus erros perante a sociedade. A presidenta, entretanto, além de apresentar imagens de humildade ao assumir a responsabilidade pelos problemas de seu governo, se mostra leal aos próprios princípios e, principalmente, a aqueles que lutaram ao seu lado. Como observado no trecho destacado a seguir, ela se afasta de uma imagem de *covardia e deslealdade*, assumindo uma postura de *coragem*:

Entre os meus defeitos não está a deslealdade e a covardia. Não traio os compromissos que assumo, os princípios que defendo ou os que lutam ao meu lado (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Dilma Rousseff segue sua fala trazendo uma narrativa sobre as torturas sofridas durante a Ditadura Militar. Conforme explica Miranda (2014), devido a seu passado ligado à luta contra o regime, a história discursiva de Dilma Rousseff carrega imagens de *mulher séria* e *guerreira*, traços de caráter lembrados durante o pronunciamento ao Senado. Observamos, portanto, uma tentativa de retomar sua história biográfica ou *ethos* prévio que circula no espaço social, absorvendo a representatividade de suas imagens quando jovem, durante a luta contra a ditadura.

Como nos explica Amossy (2005, *apud* LESSA, 2011), a história discursiva do ator pode ser comparada a um conjunto de informações que possuímos sobre ele, constituídas a partir de diversas produções midiáticas. Tais informações circulam no espaço social e contribuem para a construção de imagens prévias do sujeito, que poderão ser positivas ou negativas. Amossy (2005) propõe, ainda, uma distinção entre os chamados *ethos discursivo* e *ethos prévio*⁵. A partir de seu discurso, de forma deliberada ou não, o locutor construirá imagens de si, geralmente voltadas para valores e crenças compartilhados pelo público. Entretanto, é preciso considerar o *ethos* que se funda em informações anteriores à fala, elementos pré-existentes que integram a concepção que o auditório tem do sujeito. Configurado com base nas representações coletivas e nos papéis que o sujeito exerce no espaço social, incluindo

⁵ Como a própria autora pontua, a noção de *ethos* prévio ou *ethos* pré-discursivo foi desenvolvida inicialmente por ela, Maingueneau e Haddad na obra *Imagens de si no Discurso* (Amossy, 2005).

aspectos como *funções*, *status* e *poder* exercidos, o *ethos* prévio pode, inclusive, condicionar parcialmente a palavra que será exercida, fazendo com que o sujeito trabalhe para confirmar ou contrariar determinadas imagens.

É o que Dilma Rousseff faz durante seu pronunciamento, retomando certas imagens que já integram sua história discursiva. Ela resgata seu histórico de lutas, afirmando não ter entrado em combate somente pela democracia, mas também por uma sociedade livre de ódios, intolerância, preconceitos e discriminações. Nesse sentido, a enunciadora mobiliza um imaginário⁶ de luta por igualdade e justiça, além de um ideal de país onde não existam miséria. Ao fazer uma ponte com o próprio passado, Dilma Rousseff liga sua história pessoal a esses imaginários, contribuindo para a construção de um *ethos* de alguém que dedicou a vida a um ideal de país.

O *ethos de virtude* proposto por Charaudeau (2006) também é mobilizado pela enunciadora ao longo do pronunciamento, que de forma recorrente defende sua honestidade e integridade moral na vida pública. Segundo o linguista, o *ethos de virtude* exige que o sujeito político demonstre fidelidade nas relações humanas, lealdade aos parceiros e adversários, acrescentando a isto uma imagem de honestidade pessoal. É preciso tempo para construir uma imagem de virtude, já que é necessário que se perceba no sujeito a coerência entre seus pensamentos e ações durante a trajetória política. Por isso, o sujeito que deseja construir um *ethos de virtude* deverá apresentar uma imagem de pessoa transparente e que não guarda segredos que possam comprometer sua ética e moral. Nos trechos abaixo, podemos observar a tentativa de Dilma Rousseff de projetar tal imagem:

Entre os meus defeitos não está a deslealdade e a covardia. Não traio os compromissos que assumo, os princípios que defendo ou os que lutam ao meu lado (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Todos sabem que não enriqueci no exercício de cargos públicos, que não desviei dinheiro público em meu proveito próprio, nem de meus familiares, e que não possuo contas ou imóveis no exterior. Sempre agi com absoluta probidade nos cargos públicos que ocupei ao longo da minha vida. Curiosamente, serei julgada, por crimes que não cometi, antes do julgamento do ex-presidente da Câmara, acusado de ter praticado gravíssimos atos ilícitos e que liderou as tramas e os ardis

⁶ Segundo Charaudeau (2006), podemos compreender os imaginários sociais como imagens que interpretam a realidade e a fazem adentrar num mundo de significações. De modo semelhante, os imaginários sociodiscursivos, termo cunhado pelo autor, estão ligados às identidades coletivas e percepção que sujeitos e grupos sociais têm dos acontecimentos, o que só pode ser materializado a partir de uma racionalização discursiva.

que alavancaram as ações voltadas à minha destituição (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

No primeiro fragmento, a enunciativa fala sobre a lealdade que mantém diante de seus compromissos, princípios e companheiros de luta, o que denota imagens de integridade e fidelidade diante de suas ações e relações. Já no segundo trecho, ela deixa claro que nunca desviou dinheiro público ou enriqueceu no exercício de cargos públicos, afirmando sua honestidade pessoal. Ambos os trechos colaboram para a projeção de um *ethos de virtude*, tal qual a descrição proposta por Charaudeau (2006).

Ainda segundo o estudioso, o político que deseja exercer o poder precisa conquistá-lo e, para conquistá-lo, é necessário passar pela palavra. É preciso considerar, ainda, que a construção do *ethos* envolve uma relação triangular entre *si*, o *outro* e um *terceiro* ausente que detém uma imagem de sujeito ideal em mente. Enquanto o *si* busca alcançar tal ideal imaginário, o *outro* se deixa seduzir (ou não) pela imagem que recebe, a depender da proximidade que esta possui com sua referência. No caso de Dilma Rousseff, em sua busca pela sustentação do mandato, observamos a mobilização da imagem ideal de mulher íntegra que não abre mão de seus princípios, mesmo que isso pudesse evitar a abertura do processo de *impeachment*. A presidenta reforça tal ideário ao afirmar não ter cometido crime de responsabilidade que pudesse justificar seu afastamento definitivo do cargo, conforme observamos ao longo do pronunciamento.

Dilma Rousseff segue sua arguição trazendo à memória conspirações sofridas pelos presidentes Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart, relacionando-as a interesses de setores da elite econômica e política que não se sentiram atendidos pelo voto popular. O *impeachment* é, dessa forma, relacionado a outras tentativas de rupturas democráticas ocorridas em períodos anteriores, mas com uma nova roupagem: pretextos constitucionais somados à violência moral. Podemos observar, portanto, traços do discurso polêmico⁷ a partir da alusão aos interesses de uma elite econômica e política. Interesses que são contrastados implicitamente a uma proposta de governo que propõe políticas sociais voltadas para os mais pobres.

⁷ Segundo Amossy (2017), a polêmica deve ser considerada uma modalidade argumentativa que se estrutura a partir de traços como intensa *polarização* entre pontos de vista e *desqualificação* do adversário, sendo parte integrante da estratégia discursiva no campo político.

Observamos, ainda, a projeção de um *ethos de resistência, luta e força* do sujeito que possui a energia necessária para continuar na caminhada pela democracia. Valores como a *verdade* e a *justiça* são enaltecidos, assim como a luta pelo bem-estar do povo. Em relação aos valores citados pela presidenta, percebemos que os mesmos são apresentados de forma positiva e simplificada, se apoiando num imaginário de luta pela prevalência da verdade e da justiça no país.

O *ethos de caráter* descrito por Charaudeau (2006) também pode ser identificado, como destacado no trecho a seguir:

Luto pela democracia, pela verdade e pela justiça. Luto pelo povo do meu país, luto pelo seu bem-estar. Muitos hoje me perguntam de onde vem a minha energia para prosseguir. Vem do que acredito. Posso olhar para trás e ver tudo o que fizemos. Olhar para frente e ver tudo o que ainda precisamos e podemos fazer. O mais importante é que posso olhar para mim mesma e ver a face de alguém que, mesmo marcada pelo tempo, tem forças para defender suas ideias e seus direitos (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Tal imagem está relacionada à capacidade do sujeito de se controlar diante de situações perturbadoras, também sendo apresentada por meio da ideia de uma força interior do sujeito, uma força de espírito que não estaria necessariamente relacionada à força física. Uma das representações importantes do *ethos de caráter* está concentrada na figura da coragem, ou capacidade de enfrentar adversidades sem enfraquecer e sem que seja preciso ceder às pressões políticas contrárias. A coragem pressupõe, portanto, uma força de convicção que fornece a certeza de que o sujeito político será capaz de representar o projeto mais coerente e eficiente. O político evoca para si a imagem de líder capaz de combater as dificuldades sem se deixar abater pelos possíveis riscos causados pelo enfrentamento.

Em diferentes trechos, observamos a construção de uma figura de coragem com força interior suficiente para enfrentar os desafios, evocando, assim, um *ethos de caráter*. Ao dizer que luta pela democracia, pela verdade e pela justiça, a presidenta projeta uma imagem de força que vem da sua coragem para seguir batalhando pelo que acredita. Ela afirma que, mesmo com as marcas do tempo, possui força suficiente para defender suas ideias e direitos.

Já no trecho a seguir é possível destacar a mobilização de outra imagem comumente presente no cenário político: o *ethos de competência*. Como explica

Charaudeau (2006), tal imagem é relacionada ao ator político que possui o poder e a experiência necessários para cumprir determinadas tarefas.

É notório que durante o meu governo e o do presidente Lula foram dadas todas as condições para que estas investigações fossem realizadas. Propusemos importantes leis que dotaram os órgãos competentes de condições para investigar e punir os culpados. Assegurei a autonomia do Ministério Público, nomeando como Procurador Geral da República o primeiro nome da lista indicado pelos próprios membros da instituição (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Ao afirmar ter assegurado todas as condições para que os órgãos responsáveis investigassem e punissem os culpados por corrupção, a enunciadora mobiliza tal imagem ligada à competência. Outra forma de incorporar este *ethos*, entretanto, seria por meio de discursos que fazem referência à herança cultural, política e ideológica do ator político, além do seu nível educacional, experiência e funções exercidas durante a vida política, mostrando eficiência na gestão administrativa. Tal imagem pode aparecer, nesse sentido, em discursos onde o ator político fala sobre sua experiência na administração pública, seus feitos e ações exitosas.

Além da construção de um *ethos* de *honestidade* e *integridade*, ao longo do pronunciamento observamos uma imagem de *vítima de uma injustiça*, de alguém que é julgado por crimes que nunca cometeu num processo que, além de tudo, estaria violando a democracia brasileira. A projeção desse *ethos* se dá por meio de certas expressões utilizadas ao longo da argumentação, tais como: “peso da injustiça nos meus ombros”; “gosto áspero e amargo da injustiça e do arbítrio”; “crimes que não cometi”; “a segunda denúncia dirigida contra mim neste processo também é injusta e frágil”.

Percebemos, ainda, a projeção dos *ethé de força* e de *resistência*, uma vontade interna que a faz seguir e não desistir da luta. Ainda assim, ela afirma ter se sentido magoada diante da misoginia, agressões verbais, traições e preconceitos sofridos, demonstrando também ser suscetível a emoções como dor e mágoa, o que pode ser relacionado a um *ethos de humanidade*. Como explica Charaudeau (2006), o ser humano é mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos e compaixão para com aqueles que sofrem, mas também pela capacidade de mostrar suas fraquezas e gostos mais íntimos. O *ethos de humanidade* emerge, portanto, quando o sujeito

político busca demonstrar que está submetido às mesmas leis, direitos, deveres e limitações da vida que o público, buscando gerar identificação.

Ao falar sobre o câncer no sistema linfático enfrentado em 2009, quando ainda era Ministra-chefe da Casa Civil do então governo Lula, observamos novamente aspectos de *humanidade* nas palavras da presidenta, que também se mostra suscetível à morte, assim como qualquer outro ser humano. Ela também diz não alimentar qualquer tipo de rancor perante seus julgadores, mobilizando imagens de *superação e compaixão*.

Atribuição de *ethé* negativos aos adversários

Em outras passagens, Dilma Rousseff apresenta a ameaça que o *impeachment* representaria para uma série de conquistas já adquiridas pelo povo brasileiro, uma ameaça ao “futuro do país” e à “esperança de avançar sempre mais”. Em tais fragmentos identificamos a mobilização de um *ethos solidário* mobilizado por um governo voltado aos mais carentes, levantando questões como a valorização do salário mínimo e a concretização do sonho da casa própria para a população mais pobre. Entretanto, há outro ponto interessante em trechos que se dedicam à ameaça representada pelo processo de *impeachment*, ligado à projeção de *ethé* negativos aos adversários políticos, defensores de sua saída permanente do cargo. A estratégia pode ser observada na passagem a seguir:

Arquitetaram a minha destituição, independentemente da existência de quaisquer fatos que pudesse justificá-la perante a nossa Constituição. Encontraram, na pessoa do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha o vértice da sua aliança golpista. Articularam e viabilizaram a perda da maioria parlamentar do governo (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Nele, percebemos que a presidenta se dedica, de maneira geral, a projetar um *ethos* negativo a seus adversários. Em outros momentos ela aponta as consequências que o povo brasileiro sofreria caso sua destituição fosse consumada, citando acontecimentos políticos e manobras de opositores que culminaram num ambiente de instabilidade política e econômica, levando à abertura do processo de *impeachment*. A mídia também é lembrada como responsável por oferecer apoio para a construção do clima político necessário para a abertura do processo, além de outras

personalidades políticas insatisfeitas com o resultado das eleições presidenciais de 2014 e com algumas de suas decisões políticas.

Como explica Charaudeau (2006), para facilitar o processo de adesão ao discurso, o sujeito pode utilizar o que ele chama de *triângulo da dramaturgia política*. Nesse tipo de estrutura discursiva, uma espécie de encenação dramatizante é criada, seguindo um cenário clássico dos contos populares e das narrativas de aventura. Nesse cenário, é apresentada a *desordem social* da qual o cidadão é vítima, a *fonte do mal* encarnada pelo adversário político e a *solução salvadora* desempenhada pelo homem político que sustenta o discurso. Percebemos que, além de apontar a *fonte do mal* representada por seus inimigos, a enunciativa traz índices do discurso polêmico ao usar nomeações e adjetivações axiológicas negativas para se referir a eles.

Ela traz, ainda, discursos relatados dos adversários ou a eles atribuídos, afirmando que seus inimigos haviam dito que as eleições que a elegeram presidenta foram fraudadas. A enunciativa atribui atos negativos a seus adversários, afirmando que foi criado por eles um ambiente de instabilidade política propício para a instauração do processo de *impeachment*. Ela destaca que seus inimigos aproveitaram a crise econômica pela qual passava o país, articulando e votando propostas sem levar em consideração as consequências negativas que seus gestos trariam para a população. Há, ainda, a presença da virulência verbal, típica do discurso polêmico, quando a enunciativa afirma nunca ter sido cúmplice da “improbidade” ou do que “há de pior na política brasileira”. Vejamos abaixo:

Escondem que, em 2015, com o agravamento da crise, tivemos uma expressiva queda da receita ao longo do ano – foram 180 bilhões de reais a menos que o previsto na Lei Orçamentária. Fazem questão de ignorar que realizamos, em 2015, o maior contingenciamento de nossa história (Dilma Rousseff – 29/08/2016).

Ao dizer que seus adversários esconderam informações relacionadas à crise econômica, ela projeta traços de caráter negativos a seus inimigos. Afinal, “esconder” implica ocultar algo, evitando que alguém tome conhecimento sobre determinada situação, uma postura considerada negativa no meio político. Há, nesse sentido, a projeção de *ethé* negativos aos opositores.

Conclusões finais

Por meio das análises observamos que, em seu pronunciamento de abertura no Senado Federal, diante de seus julgadores, Dilma Rousseff constrói de forma recorrente *ethé* de *resistência, luta e coragem*. Para tal, são utilizados elementos e expressões linguísticas como: “não cedi”; “resisti”; “resisti à tempestade de terror que começava a me engolir”; “continuei lutando pela democracia”; “não esperem de mim o obsequioso silêncio dos covardes”; “resistir sempre”. A recorrência de *ethé de virtude, integridade e honestidade* também marca o pronunciamento da enunciatória, como pode ser visto nos seguintes trechos: “tenho sido intransigente na defesa da honestidade na gestão da coisa pública”; “não cometi nenhum crime de responsabilidade”; “não cometi os crimes dos quais sou acusada injusta e arbitrariamente; está claro que não houve tal crime; “crimes que não cometi”; “não enriqueci no exercício de cargos públicos”, “não desviei dinheiro público em meu proveito próprio, nem de meus familiares”, “não possuo contas ou imóveis no exterior”.

Imagens de *vítima de uma injustiça* também permeiam diferentes trechos do pronunciamento, especialmente em passagens que levantam a questão da ilegalidade do julgamento a que estava sendo submetida. Ao afirmar que jamais renunciaria ao cargo diante das pressões sofridas, percebemos a construção de imagens baseadas no caráter de uma mulher que tem em seus princípios, em seu compromisso com a democracia, o incentivo necessário para continuar.

Além disso, a enunciatória acusa seus adversários de terem levado adiante o *impeachment* com o objetivo de evitar a continuidade da “sangria” causada por investigações sobre corrupção e desvios de dinheiro público. Ela chega a nomear um dos opositores como vértice de uma “aliança golpista” que articulou e viabilizou a perda da maioria parlamentar em seu governo. Podemos considerar estes e outros elementos como índices que mobilizam *ethé* negativos aos adversários, construídos sobre uma forte polarização e sobre o descrédito lançado aos discursos contrários ao seu.

Independente das imagens projetadas para si ou para *outrem*, consideramos necessário destacar que os discursos que compõem a comunicação humana dificilmente separam razão e afeto. Nesse sentido, é natural que o *ethos* seja utilizado como estratégia argumentativa que tem como objetivo final a adesão do público por meio da mobilização de emoções. Como pontua Charaudeau (2006), o discurso

político não é organizado somente segundo a razão e desprovido de qualquer ingrediente passional. Ao contrário, integrará razão e emoção, jogando com a projeção de diferentes imagens de si que podem variar segundo as circunstâncias em que o sujeito se encontra.

Por fim, destacamos que a pesquisa não tem como objetivo esgotar todas as possibilidades de análises possíveis para o *corpus* apresentado. As escolhas teórico-metodológicas foram feitas com base em um recorte que pudesse contemplar os *ethé* projetados no pronunciamento analisado, com o objetivo de reconhecer as estratégias retóricas mobilizadas. Entretanto, pesquisas interessadas em explorar tal vertente devem considerar o fato do *ethos* ser uma faca de dois gumes (CHARAUDEAU, 2006), afinal, como lembra Maingueneau (2011), o *ethos* visado nem sempre irá condizer com o *ethos* produzido. No caso de um político que deseja transmitir uma imagem de aberto e simpático, por exemplo, existe o risco de ser percebido como um demagogo. O *ethos* permanece sendo, portanto, importante objeto de análise para pesquisadores que desejam se debruçar sobre as estratégias argumentativas do discurso político e também para a AD.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth; HERSCHBERG, Pierrot. *Stéréotypes et clichés: langue, discours, société*. Paris: Nathan, 1997.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. 2.ed. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz. 160 p. 2006.
- LESSA, Claudio Humberto. Entre louvar e censurar: faces da retórica deliberativa e epidíctica na avaliação do Governo Lula em ensaios políticos de intelectuais brasileiros de esquerda. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 1-21, 2011. v. 3, p. 1-21, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, Cenografia, Incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 69-92.
- MIRANDA, Bruna Grassi. *Dilma Rousseff da ditadura ao Facebook: a construção da imagem do indivíduo na política*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.

OLIVEIRA, Jéssica Gomes. *Ethos, humor e discurso: a construção das imagens projetadas de Dilma Rousseff em diferentes situações de comunicação*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Belo Horizonte, 2018.

PIOVEZANI, C. 2009. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. v. 500. 367p.

RE-UNIR